Argumas de Patativa

(da obra de Patativa do Assaré)

CENA I – CÔCO DO CELULAR

Personagens:

CANGACEIRO
CANGACEIRA

A cena acontece no lado de fora do espaço de representação com o público preparando-se para entrar. Os atores saem em direção ao público

CANCEIRO – Vamô chegando meu povo, que a peça já cumeçô. Pode chegando mais perto que ela é feia mas não morde não. (faz referência à cangaceira). E aí bora lá?

CANGACEIRA- Bora lá

CANCEIRO – Mas sem dancinha.

CANCEIRA – Ora, mas sem dancinha!! Com Dancinha!!

CANCEIRO – Sem dancinha!

CANCEIRA – Ah é? Então eu vou falar tudo pro diretô.

Cangaceiro começa a tocar e dançar freneticamente e é acompanhado pela cangaceira. Os dois cantam:

Óia aqui, tou avisando Vê se não vai vacilar Ocê quando for entrando Já desliga o celular Óia aqui, tou avisando Vê se não vai vacilar E não encha o nosso saco Com o maldito celular Então desliga o celular Ocês não são brincadeira Para ator agüentar Tem gente que fala alto Outros se danam a espirrar Tem até os que abrem bala Mas quer me ver uma vara É só tocar o celular Então desliga o celular	E tem cabra tão folgado Que atende o celular E ainda diz: Tô no teatro Mas nóis pode conversar Que os ator não se incomoda E essa peça é tão bosta Que ninguém vai reparar Então desliga o celular Os vivente antigamente Para se comunicar Não tinham outra maneira Era obrigado a se encontrar Pois não tinham inventado Esse bicho do diabo Que é o maldito celular Então desliga o celular	Depois chegou o tambor E com fogo se fez sinal Foi telégrafo e teletipo E o povo a se admirar Mas o que estraga o teatro E deixa o artista irado É o toque do celular Então desliga o celular Óia aqui, tou avisando Vê se não vai vacilar Ocê quando for entrando Já desliga o celular Óia aqui, tou avisando Vê se não vai vacilar E não encha o nosso saco Com o maldito celular Então desliga o celular

Cangaceiro sai de cena; cangaceira diz:

Bom, agora eu vou ficar aqui enrolando ocês que ele tá na primeira cena e ainda tem que trocar de roupa.(enrola) ih, tá oiando o quê? (à parte) Cabra sem-vergonhento.(ao homem) Se meu marido te pega te quebra inteirinho,viu?! Cada home safado! (enrola só um pouquinho) Ó a outra ali então, se rindo toda.(irritada) Invés de fica me encarando é bom se oiá o seu marido que ele já tava piscando pra outra viu?(suspira de saco cheio)
E é o seguinte, nóis pôs uns banquinho lá dentro, que é procês sentá. Vê se cês senta que nóis num carregamo tudo aquilo à toa. Mas também vai da bunda, que se for um bunda muito imensa é melhor senta nas arquibancada pra não dá vexame.(suspira de novo e espera uns segundos)Será que já deu? Cês tem relógio?(irritada) Intão trate de desligá os alarme que nóis não que ouvi os baruio docêis, tá? Eu vô entrando e ocês pode vir atrás, só não chega muito perto, prinçipalmente ocê (aponta para o homem sem-vergonhento e entra).

Sai de cena e é liberada a entrada do público no espaço de representação, onde já está em andamento a cena seguinte:

CENA II – MANIPULAÇÃO DIRETA DE BONECOS

Personagens:

CARPIDEIRAS/ MANIPULADORES/ MÚSICOS

Ao som de músicas interpretadas pelos próprios atores/manipulares, são apresentadas cenas de manipulação direta de bonecos que retratam a saga de um sertanejo nordestino.

As cenas representam quadros da vida desse homem como o momento em que conhece sua esposa, o nascimento de sua filha (Nanã) e seu relacionamento familiar; finalizando com a trágica agonia e morte da menina por inanição na seca de 1932.

Após a apresentação dos bonecos as carpideiras iniciam uma procissão até o oratório construído em homenagem à filha que se foi.

CENA III - A MORTE DE NANÃ

Personagens

PAI DE NANÃ
CARPIDEIRA/MÚSICO( )
CARPIDEIRA/MÚSICA(ESCALETA)

O Pai de Nanã passa a ser representado por um ator.

Pai-

Eu vou contá uma história
Que eu não sei como
comece,
Pruquê meu coração chora,
A dô no meu peito cresce,
Omenta o meu sofrimento
E fico uvindo o lamento
De minha arma dilurida,
Pois é bem triste a sentença
De quem perdeu na isistença
O que mais amou na vida.

Já tou véio, acabrunhado,
Mas inriba dêste chão,
Fui o mais afurtunado
Todo dia, todo dia,
Quando eu vortava da roça,
Na mais compreta alegria,
Dento da minha paioça
Minha Nanã eu achava.
Por isso, eu não invejava
Riqueza nem posição
Dos grande dêste país,
Pois eu era o mais feliz
De todos os fio de Adão.

Mas, nesse mundo de Cristo,
Pobre não pode gozá.
Eu, quando me lembro disto,
Dá vontade de chorá.
Quando ela via o angú,
Todo dia demenhã,
Ou mesmo o rôxo bejú
Da goma de mucunã,
Sem a comida querê,
Oiava pro dicumê,
Depois oiava pra mim
E o meu coração doía,
Quando Nanã me dizia:
Papai, ô comida ruim!

Se passava o dia intêro
E a coitada não comia,
Não brincava no terrêro
Nem cantava de alegria,

De todos fios de Adão.
Dentro da minha pobreza,
Eu tinha grande riqueza:
Era uma querida fia,
Porém morreu muito nova.
Foi sacudida na cova
Com seis ano e doze dia.

Eu bejava, com prazê,
Todo dia, demenhã,
Sua face pura e bela.
Era Ana o nome dela,
Mas, eu chamava Nanã.
Com seu cabelo cachiado,
Prêto da cô de viludo,
Nanã era meu tesôro,
Meu diamante, meu ôro,
Meu anjo, meu céu, meu
tudo.
E, numa noite de agosto,
Noite escura e sem luá,
Eu vi crescê meu desgôsto,
Eu vi crescê meu penã.
Naquela noite, a criança
Se achava sem esperança
E quando vêi o rompê
Da linda e risonha orora,
Fartava bem pôcas hora
Pra minha Nanã morrê.

Por ali ninguém chegou,
Ninguém reparou nem viu
Aquela cena de horrô
Que o rico nunca assistiu,
Só eu e minha muié,
Que ainda cheia de fé
Rezava pro Pai Eterno,
Dando suspiro maguado
Como o seu rosto mojado
Das água do amô materno.

Quando há seca no sertão,
Ao pobre farta feijão,
Farinha, mio e arrôis.
Foi isso o que aconteceu:
A minha fia morreu,
Na sêca de trinta e dois.

Vendo que não tinha
inverno,
O meu patrão, um tirano,
Sem temê Deus nem o
inferno,
Me dexou no desengano,
Sem nada mais me arranjá.
Teve que se alimentá
Minha querida Nanã,
No mais penoso matrato,
Comendo caça do mato
E goma de mucunã.
Na sua pequena boca
Eu via os laibo tremendo
E, naquela afrição lôca,
Ela também conhecendo
Que a vida tava no fim,
Foi regalando pra mim
Os triste oinho seu,
Fêz um esforço ai, ai, ai,
E disse: "abença, papai!"
Fecho os ôio e morreu.

Nanã foi, naquele dia,
A Jesus mostrá seu riso
E omentá mais a quantia
Dos anjo do Paraíso.
Na minha maginação,
Caço e não acho espressão
Pra dizê como é que fico.
Pensando naquele adeus
E a curpa não é de Deus,
A curpa é dos home rico.

Pois a farta de alimento
Acaba o contentamento
Tudo destrói e consome.
Não saía da tipóia
A minha adorada jóia,
Infraquecida de fome.

Daqueles ôio tão lindo
Eu via a luz se apagando
E tudo diminuindo.
Quando eu tava reparando
Os ôinho da crinça,
Vinha na minha lembrança
Um candiêro vazio
Com uma tochinha acesa
Representando a tristeza
Bem na ponta do pavio.

Morreu no maió matrato
Meu amô lindo e mimoso.
Meu patrão, aquele ingrato,
Foi o maió criminoso,
Foi o maió assarsino.
O meu anjo pequenino
Foi sacudido no fundo
Do mais pobre cimitero
E eu hoje me considero
O mais pobre dêste mundo.

Saluçando, pensativo,
Sem consôlo e sem assunto,
Eu sinto que inda tou vivo,
Mas meu jeito é de defunto.
Invorvido na tristeza,
No meu rancho de pobreza,
Tôda vez que eu vou rezá,
Com meus juêio no chão,
Peço em minhas oração:
Nanã, venha me buscá!

CENA IV - LICÕES DE UM CEGO

Personagens:

CANTADORA
ABASTADO
CEGO ZÉ LUÍS
VÉIA(Esposa do cego Zé Luís- também cega)

CANTADORA -
Era um cego Zé Luís
De um pensamento profundo
E talvez o mais feliz
Dos cegos do nosso mundo,
Implorava caridade
Pedindo por piedade
Porém ninguém lhe atendia
E ele em vez de entristecer
Por nada ali receber
Constantemente sorria

Sempre ao lado do seu guia
De quando em vez foi não foi
Quando uma esmola pedia,
Chegava logo um perdoi
O guia se encabulando
Exclamava rismungando,
Esmola àqui esta custosa!
Mas o cego Zé Luís
Soltava muito feliz
Uma risada gostosa.

Entra boneco cego dando risada com sua cuia, coloca-a no telão; chega boneca cega e pergunta:

VÉIA- O meu véio, já ganhou algum dinheiro?
ZÉ LUÍS- Calma, minha flor, estou chegando agora!
VÉIA- Então venha me ajudar a carregar as rendas!(sai)
ZÉ LUÍS- Sim, estou indo... ai ai... como ela é linda!

CANTADORA-
Um cidadão abastado
Prestava bem atenção
E ficando admirado
Fez esta interrogação

ABASTADO- Ceguinho, ceguinho? (cidadão se vê sozinho em cena e vendo a cuia do cego, resolve espiar)
Vamos ver se esse negócio de cego dá dinheiro

Entra esposa do cego dando-lhe uma bengalada

VÉIA- A curiosidade matou o gato!

Entra cego Zé Luis. Todos riem da situação. Esposa engasga com a risada e cospe pra frente.

ABASTADO-
Ceguinho tudo escutei
E curioso fiquei
Queira responder a mim
No que você está pensando
Que mesmo nada arranjando
Está tão alegre assim

ZÉ LUÍS-
Digo sorrindo e digo outra vez
Que penso na desigualdade
Neste mundo que Deus fez,
Deus com sua força imensa
Em tudo fez diferença
Entre as coisas naturais,
Até os próprios irmãos
E os dedos de nossas mãos
Ainda não são iguais
Eu ontem neste lugar
Muito pude adquirir
Vinham mesmo me entregar
Sem eu precisar pedir,
Tanta sorte eu encontrei
Que até carne eu arranjei,
Coisa que há tempo não via
Fui muito bem protegido
E cheguei bem prevenido
Lá na minha moradia

E hoje no mesmo lugar
Pedindo por compaixão
Só ouço aqui me chegar
Perdoi, perdoi, e perdão

VÉIA - Êta povo pão-duro! (ri, engasga e cospe)

ZÉ LUÍS-
Por isto eu fico sorrindo
Com atenção refletindo
A grande desigualdade
Quem tem deus no pensamento
Encontra divertimento
Até na dificuldade

ABASTADO
Eu lhe digo obrigado
Por seu esclarecimento

Estou impressionada
Com seu comportamento
Tenho loja, tenho venda,
Tenho mais uma fazenda
E veja como sou
Veja que coisa horrorosa
Minha vaca mais famosa
Veio um ladrão e roubou
Maus vaqueiros procuraram
Tá completando um mês
Mas noticia não encontraram
Da minha famosa rês
Eu fiquei preocupado
E até já tenho passado
Várias noites sem dormir
Me julgando um infeliz

Abastado agarra a mão do cego em pedido de ajuda. A Véia dá-lhe uma bengalada

ABASTADO –
Me diga Zé Luis
Como volto a sorrir?

Abastado vai agarrar a mão do cego de novo mas a Véia lhe ameaça com a bengala.

ZÉ LUÍS- Ô, minha veia, deixa eu lavar um dedinho de prosa aqui com o seu moço...

VÉIA- Está bem, meu veio... (para a platéia) Êta véio lindo!

ZÉ LUÍS-
Cidadão vá desculpando
Não vá pensar que este riso
Sou eu mangando ou zombando
Do seu grande prejuizo
É que sem vista estou vendo,
Estou vendo e entendendo
Sua compreensão fraca,
De tanta riqueza é dono
E perdes noites de sono
Porque perdeu uma vaca

Eu vou dizer a certeza
Sobre os possuidos seus
O senhor possui riqueza
Mas está faltando Deus
Quem ama deus de verdade
A divina majestade
O senhor da criação
Nosso pai onipotente,
Todo tempo está presente
Não tem preocupação

Na vida nunca pensei

Em loja, dinheiro e gado
Mas ninguém é mais feliz
Do que o cego Zé Luis
Este seu menor criado

CANTADORA-
Escutava o fazendeiro
Se sentindo muito bem
Ele que do seu dinheiro
Não dava esmola a ninguém
Estava tão comovido
Comovido e convertido
Com tudo quanto escutou
Que satisfeito e gentil
Uma nota de cem mil
Nas mãos do cego entregou

Abastado entra com uma nota de dinheiro, e a Véia os surpreende pegando o dinheiro.

VÉIA-Das finanças cuido eu! (dá uma risada, engasga e cospe no abastado)

ABASTADO –
(se limpando do cuspe)
O dinheiro, eu lhe entrego e vou dizendo,
Que nesta hora abençoada
Eu quero ficar sabendo
Onde é sua morada
Onde é que você habita
Vou fazer-lhe visita
Quero ser conhecedor
Conheço e não me confundo
Da escola melhor do mundo
Você é meu professor

Abastado abraça o cego e os dois saem

CANTADORA-
Depois que deu um abraço
No cego Zé Luis
Saiu aquele ricaço
Se sentindo bem feliz
E de coração tranqüilo
Recordando tudo aquilo
Que com ele aconteceu
Dizia com seus botões
Vou seguir as lições
Que aquele cego me deu

ABASTADO –
Ele que nunca enxergou
Sabe ver o que é verdade
Foi ele quem me ensinou a santa felicidade

Por isso um plano já fiz
De ajudar a Zé Luis
Se ele muito tem sofrido
Vai melhorar desta vez
Quem fez o que ele já fez
Merece ser protegido

Entra em cena a venda (mercearia)

ABASTADO –
Uma venda, amigo, receba
E quero que perceba
Que isto muito me consola
Porque de hoje em diante
Você é negociante
Não vai mais pedir esmola

VÉIA-Uma venda, meu véio! Vamos comemorar!

Os três dançam ao som de um forró

VÉIA- Êta, que essa dança me deixou com um fogo danado! Venha cá, meu veio! (beija o cego) Eu não disse que ela era lindo!! (ri, engasga e cospe na cantadora

CANTADORA- – Ô, fia d'uma égua!

VÉIA-(sem dar atenção) Descupe, sou cega. (sai)
ABASTADO –
E como prova de amigo
Não faltará mais artigo
Na sua propriedade
Com isto que estou falando
Eu estou recompensando
A minha felicidade

CANTADORA-
O cego em nome de Cristo
Agradeceu a bondade
Porque nunca tinha visto
Tanta generosidade
Na sua mercearia
Dava esmola a quem pedia
Enricou bastante breve
Com aquele belo plano
Bem certo pai soberano
Por linhas tortas escreve.

CENA V - CRUZES PELA ESTRADA

Personagens:

PAI
FILHO
ZÉ MOURÃO
MÃE DO ZÉ MOURÃO

A cena é feita por um só ator que se reveza entre os personagens

FILHO-

Papai, conte a histora daquela cruizinha
tão triste, sózinha,
no pé da ladêra,
com seus braço aberto, chorosa, coitada!
na bêra da istrada,
qui vai pra rebêra.

Me conte o motivo daquilo que vejo,
me faça o desejo,
me faça a vontade.
Pois lá tenho visto muié saluçando
e a cruz infeitando
de reza e sodade.

Papai me arresponda! Me conte, me diga
se a histora é intriga,
o qui foi qui se deu?
Eu vendo a cruizinha, sinto uma cansêra,
no pé da ladêra,
quem foi qui morreu?

PAI-

Se é ocê nesta vida que mais eu confio,
iscuta, meu fio,
meu fio querido.
Que, imbora eu sintindo uma dô no meu peito,
eu vou com respeito
fazê teu pidido.
Aquela cruizinha, na bêra da istrada,
qui veve infeitada
cum tanta fulô...
aponta o passado, de um crime de ispanto,
de luto e de pranto,
de raiva e de horrô.

A mão da disgraça só pranta veneno
naquele terreno,
cum feia treição,
ainda no tempo qui eu era minino,
um monstro assarsino
matou Zé Môrão.

O monstro assarsino era um rico patrão.
E o pobre Môrão
Era seu moradô.

Morreu de desgraça, naquele dizerto,
e agora tá perto
de Nosso Sinhô.

Êle era sortêro,
rapaiz ainda nôvo
quirido do povo
de nosso sertão.
Repare o motivo da grande caipora
e veja na histora
quem tinha razão.

Um ano êle tinha uma roça tão boa
qui arguma pessoa
dizia a brincar:
Quem vê esta roça depressa conhece
qui o dono parece
qui vai se casá.

Na roça bonita fejão bagiava,
o mio já tava
criando carôço.
E o rico, soberbo, mandou seu criado
botá todo gado
na roça do môço.

Môrão, com aquilo, ficô cum disgôsto
e munto disposto
saiu sem demora.
Abriu a portêra, correu apressado,
tangeu todo gado
da roça pra fora.
Foi logo falá sôbre aquela questão
e dixe:

ZÉ MOURÃO-
Patrão,
o sinhô tenha dó,
num queira fazê a minha sorte misquinha,
aquela rocinha
custou meu suó.
Pur Nossa Sinhora não bote o seu gado
naquele roçado
qui tanto custô.

PAI-
E o rico orguiôso, ficô gaguejando,
ficô rismungando
cum grande rancô.
Vortô sem resposta, o rapaz pensativo,
pruquê sem motivo
se achava o patrão.
De cara inrusgada, danado, trumbudo,

zangado, sisudo,
formando questão.
A mãe do agregado, um nervoso sintia,
e sempre dizia:

MÃE-
Meu fio querido,
saimo, qui o monstro já qué fazê guerra.
Por causa de terra
morreu meu marido.

Meu fio, esta noite, quando eu já durmia,
sonhei qui nóis ia
sofrê prijuizo.
E, perto da nossa chupana de páia,
o rasga-mortáia
passô dando aviso.

ZÉ MOURÃO-
Mamãe, eu não posso perdê meu trabaio,
daqui eu num saio,
daqui num me mudo.
Sai sem distino... qui sorte essa nossa!
dexando uma roça
repreta de tudo!

PAI-
Razão êle tinha, cum tôda certeza,
fazia defesa
do prope roçado.
Porém da viúva, os consêio era certo,
pois tava bem perto
do mau resurtado.

Despois de dez dia, no pé da ladêra,
fazendo trinchêra
de um rompe-gibão,
o Rico Orguioso, bandido, patife,
de tiro de rife,
matô Zé Môrão.

O monstro foi prêso, mas nada sofreu,
arguém potregeu
sua grande maliça,
pois êle era rico. O maió fazendêro,
cum munto dinhêro,
logrô a justiça.
A pobre viúva, chorando, coitada,
dizia maguada:
"Perdi meu incôsto."
De tanto pensá no fio defunto
ficô sem assunto,
morreu de disgôsto.

Contei tôda histora, da serra horrorosa,
da morte assombrosa,
de um môço de bem.
Repara, meu fio, quanto é disgraçado
o pobre coitado
qui terra não tem.

Meu fio quirido, tu óia pra cruz
e pede a Jesus,
o maió potretô,
e à Vige Maria, rainha quirida,
pra nunca na vida
tu sê moradô.

CENA VII – EMBROMAÇÃO

Personagens:

CANTADOR E PANDEIRISTA
CANTADORA E CONTRA-REGRA
CANTADORA E CONTRA- REGRA

Os atores entram em cena cantando e tocando - enquanto ajeitam o cenário para a cena seguinte

Seu rapaz, dona senhora
Desculpe a interrupção
Seu rapaz, dona senhora
Desculpe a interrupção
E que essa música nóis toca
Pra modo de embromação
E que essa música nóis toca
Pra modo de embromação

Quando chega essa hora
Do espetáculo teatral
Tem que mudar o cenário
De um modo originá
Mas o diretô é fraco
E pra tapar esse buraco
Não sabia o que fazer
E botô nóis a cantá
Para o púbrico enrolar
E a troca não aparecer

Seu rapaz, dona senhora
Desculpe a interrupção
Seu rapaz, dona senhora

Desculpe a interrupção
Mas agora nóis tá pronto
pra dar continuação
Mas agora nóis tá pronto
pra dar continuação

CENA VI - A MALDIÇÃO DO CERCADO

Personagens

JERICÓ/ TOCADOR DE ESCALETA
MULHER DE JERICO/ TOCADORA DE TRIANGULO
VIZINHO/ TOCADOR DE ZABUMBA
MULHER DO VIZINHO/ TOCADORA DE CAXIXI

Casal limpando instrumentos está posicionado em um dos quintais delimitado por um cercado de madeira rústico que divide a cena

MULHER DO JERICÓ- Jericó, homi de Deus, veja lá!, veja lá! O vizinho andô pegando madêra de nossa cerca!!!

Jericó disfarça

MULHER DO JERICÓ- - Viige! Olha lá, Jericó, que descaramento!
Ta faltando outra ripa ali no canto!

Jericó continua fingindo que não é com ele

MULHER DO JERICÓ- (fula, indo em direção a Jericó)
Seu traste! Tome tenência!
Se arribe desse tamborete e defenda suas popriedade, homi!

JERICÓ - Falô cumigo, mia fulô?!?

MULHER DO JERICÓ- Não, seu abestado! Tô falando c'usprito santo!

JERICÓ - Intão desculpe interrompê.

MULHER DO JERICÓ- Jericó, pois eu já num lhe disse duas vêis –num foi uma
nem foi três- que o vizinho tá se fartando com nosso cercado, homi?!?

JERICÓ - (sem se abalar, paternalmente explica)Mia fia... Deve de sê impressão sua... Saia desse sol, que ele tá lhe afetando as idéia...(à parte) Sol demais na mulêra é uma consumição arretada...

MULHER DO JERICÓ- IMPRESSÃO?!? Mas tá fartando pra mais de três ripa e ontem a cerca tava interinha.

JERICÓ - Ah, tava interinha? Tem foto? Tem rigistro?

MULHER DO JERICÓ- Que foto? Que rigistro, seu abestado?!? Pois num tô lhe dizendo que ele tá lá, embanguelando o nosso cercado todim?!?

JERICÓ - Oh mulé! Deixe de aperreação!É só umas madêrinha...Amanhã eu vô lá e corto mais e arremendo tudim....

MULHER DO JERICÓ- JERICÓ! LEVANTE JÁ, E VÁ ZELÁ PELO QUE NOS PRETENCE!!!

JERICÓ - (abruptamente, se levanta; vai e retorna) Meusamô...Pense bem...Analise a situação comigo...Eu num posso, anssim...como direi...sem os mais nem os menos, arrumá peleja c'um meu vizinho...Acusá o coitado nas incerteza...Isso pode dá inté processi por via de discaluniamento e malfalação...Aí, vem divogado, jugamentchio...Inté indenização por conta da morá e dos bom custuimi pode de ocorrê... Cê sabe que essa raça de divogado e juiz é tudim uns...

MULHER DO JERICÓ- Mas, meu Cristo Incarnado, EU VI!!!!

JERICÓ - Ahhhh... cê viu?

MULHER DO JERICÓ- (já se desesperando)Vi, fio de Deus!

JERICÓ –Ah, antonce, tá confrimado(vira-se e dá por encerrado o assunto)

MULHER DO JERICÓ- (puta das calças)JERICÓ FRANCISCO DE OLIVEIRA FRANÇA!!!
NUM SE FAÇA DE GAIATO!

JERICÓ - Sabe o que é, mulé...Tinha inté sisquicido...'Cabei de alembrá: é que onti- ou teria sido trasdantonti?- eu deixei o vizinho pegá umas madêrinha...Depois ele devovi...

MULHER DO JERICÓ- E eu dexei ocê dexá???

JERICÓ - Vissi...Analisando por esse lado, dexô não!

MULHER DO JERICÓ- Pois entonce, homi...Se abolete...Dêxe de sê frôxo e vá lá, vá! Resolva logo isso, que as panela tá no fogo...
JERICÓ - FRÔXO, EU?!?Pois eu lhe pregunto: ocê ia casá c'um macho frôxo, ia?Se eu fosse um froxo cê Ia garrá gosto n'eu, hein?!E ocê por acaso é muié que não sabe iscolhê marido?

MULHER DO JERICÓ- Jericó, num se faça de besta...Dêxe de fulerage e mangação e honre as calça que tu veste...

JERICÓ - (abruptamente valente) Pois, eu vô! Ora, se vô!

MULHER DO JERICÓ- (surpresa) Ocê vai, vai?!?

JERICÓ - (imitando o rugido de um leão)AHH, SE VOOOOÔ!
Que hoje eu inté que tô nas intenção de dá uns bofete em cabra-senvergonhento!

MULHER DO JERICÓ-(excitada)VAAAAAIIIIIIII...?

JERICÓ - VÔ!Que hoje eu tô com querê de regá pranta com sangue de vizinho forgado!

MULHER DO JERICÓ- (mais excitada) Ocê VAAAAAIIIIIIII...?

JERICÓ – Vô! Mas vô daqui a pouquinho... Qu'eu tô já acabando de limpá gaitinha...

MULHER DO JERICÓ- (puxando-o pelo braço) VÁ!

JERICÓ - (indo e voltando)Sabe o que é, mulé?...Eu avaliei e vi o sol a pino...É quase hora do almoço...Num fica bem batê num homi de barriga vazia...Isso num é coisa de cristão...É covardia...Pega inté mal...(a mulher permanece com as mãos na cintura e batendo pé no chão)

JERICÓ – Tá mais que certo! Eu vô!(arrotando valentia) Eu inté-qui-peg'um-gostcho arretado de um entrevero antes das refeição, que é pra modi abri os apetite, ô se pego...(baixinho como para não incomodar)Vizinho... Ô, vizinho....

Entram o vizinho e a mulher e inicia-se pequena pantomima que tem a trilha sonora produzida pelos próprios atores em cena que tocam e mimam as ações: Jericó chamando e vizinho de mau humor recusando-se lhe dar audiência.

JERICÓ –(saudando alegremente) Ô, vizinho!

VIZINHO- O QUE FOI, PORRA!

JERICÓ –(desconcertado) Êta chapéu bonito.

VIZINHO- FALE LOGO!

JERICÓ - Sabe o que é, vizinho...É que ocê sabe que o sol nas mulêra freve os miolo da gente...E que, cu'essa freveção pra lá de danada, os vivente cumeça a vê umas coisa diferente...Umas coisa inganadora, traiçoêra...A moda mirage...O senhor sabe como é o sol do sertão, num sabe?

VIZINHO- Sei...Nasci aqui...E DAÍ?!?...Ainda não entendi...

JERICÓ – (Se enrolando)Vizinho...É que...Eu....

VIZINHO- (já se aperreando) HOMI...DISIMBUCHE, HOMI...

MULHER DO JERICÓ-(para o marido) Fale, homi de Deus...

JERICÓ - (falando rapidamente, em tom baixo e tentando recuar) É que minha esposa pensa por causa das mirage do sol na mulêra que freve os miolo dos vivente que pode ter visto o senhor sem querê –que fique bem entendido, sem ofensa à sua pessoa- levemente pegando umas vara de meu cercado ocasionando, anssim, mesmo que levemente...que, na lonjura, nem pra percebê dá... um embanguelamento precoce dessa minha benfeitoria...

MULHER DO JERICÓ- (cochichando ao marido) Jericó, bote macheza nessa sua falação!!!Pois senão, de noite, tu pode de se esquecer de nossas camaradage...

JERICÓ - (Virando macho) VIZINHO, É QUE EU ANDEI OUVINDO UNS BOATO, QUE VOSMICÊ ANDA PEGANDO MADEIRA NO MEU CERCADO !

VIZINHO- Tu qué sabe? (ameaçador)Tô pegando mesmo.

JERICÓ -(indo embora)Ah, bom que esses negócio de boato eu num gosto muito...(esposa lhe vira de volta) Sabe o que é? Por mim num tem probrema, eu inté gostho, mas minha mulé tá aperreada com esse negócio de ocê ficá roubanu madei...

VIZINHO E MULHER DO VIZINHO- (indignados) ROBANU!!!

Nova Pantomima musicada pelos atores que mimam uma perseguição do vizinho a Jericó

VIZINHO- (revoltado)VOSMESSÊ DISSE "ROBANU"?!?Ai, valei-me meu padin Padi Ciço, que o punhal de prata vai arrefleti no sol e riscá das venta inté a cintura de alguém que, por acaso, está aqui defronte d'eu! A pexêra fura, mas quem mata é Deus! Lovado seja! Eu inté-qui-peg'um-gostcho arretado de um entrevero antes das refeição, que é pra modi abri os apetite, ô se pego...

MULHER DO JERICÓ- (entrando entre os homens)Opa! Peralá! Essa fala, ai, é do meu esposo! Até isso o senhor qué robá?1?

MULHER DO VIZINHO- (indo afrontá-la)Alto, lá! E quem é essa quenga que acusa o meu esposo de robá?!?

MULHER DO JERICÓ- "Quenga" é o seu passado! Que tu é rapariga, e eu sou mulé honesta e de fino-trato!

MULHER DO VIZINHO- "Rapariga" é quem me acusa! Que quem nunca comeu melado, sempre se lambuza!

MULHER DO JERICÓ- (após uma pausa tentando entender o comentário) Perai...Mas o que é que esse ditado do melado tem a ver com...

MULHER DO VIZINHO- Diz que é de fino-trato, não sabe o que é melado? Que intiligença animal! Pois aqui , todo mundo sabe que em casa de ferreiro, espeto de pau!(aponta para o queixo do marido)

VIZINHO- (a Jericó, com cumplicidade) Que porra é essa?

JERICÓ - Sei lá...a muié é tua!

MULHER DO JERICÓ- Mas vamô de encerrá essa peleja; qu'eu tô com panela no fogo e meu esposo é muito do macho e num leva desaforo para casa...

JERICÓ - Menos, minha fulô...Menos...Muita calma nessa hora...(à parte)- As muié conhece os home que tem em casa.

VIZINHO- Muié, tu qué sabe o que essa tua muié é?

JERICÓ - num carece de dizê, não...(à parte) nunca que eu fui curioso.

VIZINHO- Pois eu vô lhe dizê! (fala-lhe ao ouvido)

JERICÓ -(revoltado) E você acha que vai falá assim da minha mulé?

Nova pantomima onde os vizinhos mimam uma briga golpeando-se com seus instrumentos

JERICÓ -
Olhe lá, meu vizim,
findô-se a isportiva
Chegô-se das salivação
Qu'eu vô evocá mestre Patativa
Nuns verso cheim de maldição:

"Deus permita que o safado,
Sem-vergonha e ignorante,
Que roubar, de agora em diante,
Madeira de meu cercado,
Se veja um dia atacado
Com um cancro no toitiço,
Toda espécie de feitiço
Em cima do mesmo caia
E em cada dedo lhe saia
Um olho de panariço."

VIZINHO-
Ocê vem de Patativa do Assaré
Isso, pra mim, é sopa no mé
Pois invés de ficá maldiçoado
Eu lhe devolvo é Patativa ao quadrado

"O Santo Deus de Moisés
Lhe mande uma bexiga roxa,
Saia cabrunco na coxa
Cravo na sola dos pés,
Sofra os incômodos cruéis
Da doença hidropisia,
Icterícia e anemia,
Tuberculose e diarréia
E a lepra da morféia
Seja a sua companhia..."

JERICÓ-
Deus lhe dê o pinto murcho
Feito macarrão escorrido
E que fique cego dos ôio
E que fique surdo dos ouvido...

MULHER DO JERICÓ- Ó, Jericó?!?E isso lá são verso de Patativa?!?...

JERICÓ - Ó, minha fulô de algodão formosa...É que além de lindo, bunitu e joiado, eu tomêim só poeta e vi por bem não perdê a chance de botá uns caco e ademostrá meu talento pra toda essa gente linda e cherosa... (faz longa e exagerada mesura para a platéia)

VIZINHO- Puxa-saco!...
"Deus lhe dê o reumatismo
Com a sinusite crônica,
A sesão, o impaludismo,
E os ataques da bubônica,
Além de quatro picadas
De quatro cobras danadas,
Cada qual a mais cruel
E de veneno fatal:
O urutu e a coral,
Jararaca e cascavel..."

Jericó vai sentindo no corpo as maldições proferidas pelo vizinho e fica destruído.

JERICÓ – (à esposa) Olha mulé, não vai dar não, as maldição do homem são forte demais! (ao vizinho)
"Eu já perdoei bastante
O que se pôde me roubar
Para ninguém censurar
Que sou muito extravagante,"

MULHER DO JERICÓ- (com vigor, empurra o marido e completa a estrofe botando os vizinhos pra correr)

"Mas, de agora em diante,
Ninguém será perdoado!
Deus queira que um cão danado
Um dia morda na cara
De quem roubar uma vara
Na cerca de meu cercado..."

E TENHO DITO!
FALEI POUCO, FALEI BEM E NÃO CUSPI EM NINGUÉM!E JÁ PARA CASA, JERICÓ!

saem